

# humanitas



Vol. LXII  
2010

Em todos os capítulos a análise de cada tema, de cada construção, aparece suportada com exemplos adequados, devidamente contextualizados e traduzidos para facilitar a sua compreensão.

Vocacionada fundamentalmente para um público universitário, esta obra vem colmatar (nas palavras do próprio coordenador) a ausência de um manual universitário de sintaxe latina actualizado, em espanhol, passados mais de 30 anos sobre a publicação dos dois volumes da *Introducción a la Sintaxis Estructural* de Lisardo Rubio, em 1966 e 1976. Instrumento de trabalho de grande qualidade científica e utilidade para o ensino do latim a um nível universitário em Espanha, esta obra pode ainda oferecer ao mundo académico nacional um excelente contributo para o estudo do Latim, numa língua de fácil acesso ao público universitário dos nossos dias.

CARLOTA MIRANDA URBANO

CADAFAZ DE MATOS, Emanuel, *A cidade de Silves num Itinerário Naval do Século XII por um Cruzado Anónimo*, Edições Távola Redonda, Centro de Estudos de História do Livro e da Edição - Câmara Municipal de Silves, Lisboa, 1999, xxx páginas, ilustrado, ISBN 972-9366-15-2.

Interessante e simultaneamente agradável é a leitura do relato *De itinere navalis, de eventibus, de que rebus a peregrinis Hierosolymam petentibus MCLXXXIX fortiter gestis narratio*, obra de um cruzado anónimo do final do século XII que, com aparente simplicidade, fornece inúmeros elementos para a análise da chegada dos exércitos cristãos da III Cruzada à cidade de Silves, na época o maior centro urbano do Algarve.

A publicação na qual constam os dados a que nos referimos é a de Emanuel Cadafaz de Matos, *A cidade de Silves num itinerário naval do século XII por um cruzado anónimo*, editada em Lisboa em 1999. Esta obra parte do fac-símile da edição coordenada pelo historiador algarvio João Baptista da Silva Lopes, por iniciativa da Academia das Ciências de Lisboa, em 1844, que, à semelhança de numerosos antecessores, utiliza a dita obra medieval para o estudo das várias facetas ligadas quer à vida quotidiana, quer a alguns dos momentos decisivos de uma cruzada, obra esta já publicada em 1840, em Turim, por Costâncio Gazzera.

O contributo a destacar nesta crónica prende-se com a sua enorme relevância para a história do Algarve medieval, para além do facto de ter

sido um trabalho precursor das investigações sobre os acontecimentos desta região, espaço de instável fronteira entre muçulmanos e cristãos, com relevante presença judia, posto avançado do Mediterrâneo para quem vinha do Norte da Europa, à semelhança do generoso cruzado anónimo autor do relato. A transição da Europa atlântica para um mundo de forte influência mediterrânica está bem patente ao longo do texto, causando alguma perturbação no cronista.

É fácil relacionar os dados expostos nas doze folhas em 8º, que tantas são as do pergaminho original, do qual infelizmente se desconhece as características precisas (tirando a caligrafia que o editor português dos finais do séc. XIX divulga numa pequena amostra do fólio 3 do manuscrito original) com os pormenores salientados nas fontes dos geógrafos árabes coevos. Contudo, as informações do cruzado relacionam-se, em exclusivo, com os acontecimentos da venturosa expedição de apoio a Dom Sancho I, ao conjugar típicas referências do culto dos Santos com elementos de peregrinação e indicações quase técnicas sobre navegação: esta transcorre a saída da frota do porto do rio Escalda, que cruza o norte de França e Bélgica, refere as alterações sofridas pela frota, inicialmente constituída por onze naus, antes de entrar no Mediterrâneo, depois de tocar o porto de Lisboa, cumpre com a “libertação” de Silves, alcançada através do Arade navegável e, por último, trata do percurso final até à cidade de Jerusalém.

A análise de Manuel Cadafaz de Matos acompanha portanto as ditas páginas, levantando questões relativas à qualidade e quantidade da armada. Onze eram as naus no porto de partida, transportando um contingente militar constituído por flamengos e germânicos, como é o caso do cruzado anónimo, enfrentando os imprevistos acidentes da navegação sofridos ou as paragens obrigatórias, como aquela efectuada no porto de Sandwich, no sul da Inglaterra. Esta longa permanência, cerca de vinte e três dias, e a sucessiva perda de duas naus antes de se juntarem às forças navais inglesas do monarca Henrique II o Plantageneta, somam-se ao esforço feito para enfrentar as difíceis condições de navegação existentes até às costas da Bretanha francesa, naquela região insular que se localizaria, de acordo com as estimativas de João Baptista da Silva Lopes, nas imediações de Quiberon e Vannes. Após oito dias de permanência nesta ilha, atravessam o Golfo da Gasconha, param com fins logísticos em Gijón, Santo Salvador (Oviedo) e no porto de Noya, de onde os cruzados se dirigem inevitavelmente até Santiago de Compostela, para prestar o devido culto ao Santo, como qualquer peregrino cristão da época. É neste ambiente de devoção militante que se situa o episódio anterior da

participação dos cruzados na construção da igreja de S. Vicente de Fora e o túmulo do cavaleiro germânico, por ordem de D. Afonso Henriques. No porto do Tejo a frota foi reforçada com vinte e quatro naus, atingindo assim o número de trinta e seis naus grandes, juntando-se a elas o reforço marítimo galego, velejando devagar até ao estuário localizado em frente a Portimão, enquanto parte do contingente, por razões estratégicas, se deslocaria por terra sob o comando do Conde D. Mendo de Sousa, observando uma manobra várias vezes utilizada em campanhas militares ao longo do litoral português.

Todos estes elementos retratam um verdadeiro teatro de guerra. A 6 de Agosto, dá-se a primeira tentativa de efectuar uma brecha no muro da fortaleza da cidade de Silves por parte de “nós os teutónicos”, como é referido pelo autor nórdico. O cerco e a água salobra matam os cidadãos sem quaisquer distinções, levantando, ao autor, dúvidas morais sobre a conduta do exército, que intervém com violência após a vitória sobre a defesa muçulmana. Rosa Varela Gomes confirmará, após extensas investigações arqueológicas, a construção da cisterna que serviria para evitar a ocorrência de uma contingência análoga. A cidade rende-se ao vitorioso Dom Sancho I no dia 3 de Setembro de 1189, não antes de um longo período de negociações, segundo relato de Ibn Abd Al-Mumin Al-Himiari. A nova situação não iria ser duradoura. Silves, muito afastada do território cristão, é logo reconquistada em 1191 pelas forças muçulmanas.

A análise de Manuel Cafadaz de Matos focaliza-se, por último, na vertente simbólica e ideológica dos acontecimentos. Os cruzados rezam, lutam com fé e pela religião, e marcham, ao que parece, como um corpo compacto, embora nele se destaquem algumas individualidades sequiosas de riquezas e movidas principalmente pelo interesse económico. Não causa admiração, portanto, a destruição dos lugares de culto do inimigo, a bárbara e aparentemente inevitável violência contra os vencidos, própria das leis da guerra da época, contrastante com a nomeação de novas autoridades cristãs, que quase sempre coincidem com festividades religiosas propícias à continuação da luta pela libertação da Península Ibérica e dos Lugares Santos, como é o caso do bispo de Silves, designado no dia 7 de Setembro, véspera da Natividade de Nossa Senhora. É evidente que este facto pode ser interpretado como símbolo e confirmação eclesiástica dos esforços terrestres e marítimos, antes de a força naval continuar viagem passando o rio Guadiana, Sevilha, o Estreito de Gibraltar e a costa de Valência, até Marselha, reunindo-se aí às forças do célebre Ricardo Coração de Leão, integrando a III Cruzada com o apoio de Frederico Barba Roxa.

A frota desce a costa tirrénica cristã então defendida pelas potências navais de Génova e Pisa, prosseguindo ao largo – a distância prudente - da linha costeira siciliana e da normanda Palermo, palco de vários anos de lutas intestinas pelo poder antes da chegada de Frederico II; o corpo cruzado assim constituído aproxima-se da Grécia e da Ilha de Creta e dirige-se até ao porto de São João de Acre. Continuará então, a partir daqui, por via terrestre. Esta mistura de povos, culturas de diferentes origens geográficas constituem elementos de uma primeira e um tanto insólita abordagem ao mundo moderno, com correspondência encontrada entre diferentes cultos e ideais, à legitimação de vontades individuais por vezes exacerbadamente materialistas. Uma militância do bem terreno por meio da razão espiritual, como é afirmado pela humilde voz de um teutónico cruzado anónimo, reflecte a visão própria de um homem culto dos finais do século XII.

Embora não constituindo uma novidade, esta reedição não deixa de contribuir para um melhor conhecimento da história medieval portuguesa e europeia, realçando a importância da passagem das frotas cruzadas na consolidação da monarquia portuguesa, colocando à disposição dos investigadores ou simples curiosos do passado um texto nem sempre fácil de consultar.

ALESSIA AMATO (Doutoranda da Universidade de Coimbra)

CASTRO, Inês de Ornellas e Anastácio, Vanda (coords), *Revisitar os saberes. Referências clássicas na cultura portuguesa do Renascimento à Época Moderna*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2010.

Seguindo uma louvável tendência que se vem acentuando na investigação humanística, o Centro de Estudos Clássicos (sediado na Faculdade de Letras de Lisboa) promoveu um Encontro multidisciplinar sobre a presença dos saberes da Antiguidade no pensamento e nas práticas culturais e científicas. Do referido Encontro (que teve lugar em Junho de 2009) resultou agora um conjunto seleccionado de estudos que acaba de vir a público, sob a égide daquela Unidade de Investigação. Na sua amplitude temática, os 16 ensaios que integram o livro oferecem ao leitor um conspecto bem ilustrativo da vitalidade de que a cultura clássica desfrutou entre nós ao longo dos séculos XVI e XVII, congregando uma multiplicidade de saberes que, como bem sabemos, nos nossos dias, não costumam figurar em regime de parceria.